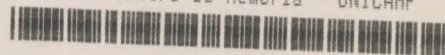


O anoitecer da imprensa romântica em Campinas

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE030241

A imprensa amanheceu romântica, em a provinciana Campinas.

Despontando em o histórico 4 de abril de 1858, quando de muito uso nas letras em prosa e versos do Brasil-império aqueles deliciosos mas já excessivamente gastos babados românticos, de moda em declínio em a velha Europa, o jornal — "Aurora Campineira" — dos irmãos Teodoro de Siqueira e Silva, era folha que se idealizara e se plasmaria sob a influência de gosto, costumes e credo espiritual em predomínio na época ou meio ambiente.

Gazeta romântica desde a legenda feita cabeçalho — "Aurora" —, que rememorando os primórdios da imprensa fluminense em jubileu, também diz da doce e brilhante claridade que precede o nascimento do sol, dos ruidosos e festivos clarins da alvorada, que no canto épico de Leopard' é o instante em que volte a verdade a terra e se afastam as vans imagens, a luz, no entanto, derramada das quatro páginas e colunas pobres do pequeno jornal, em verdade não seria mais que bruxoleante chama de candela, a tentar espandir sombras de incultura e preconceito, na cidade ainda quase burgo, que se formara e se espralara nas paragens do antigo sítio "Campinho".

Essa, realmente a verdade sobre o clarão da "Aurora Campineira", como folha do amanhecer de nossa imprensa. Mas, para João Teodoro, tipógrafo letrado que a imaginou, fundou e redigiu, manejando com desembaraço e destemor a pena de pato, seria como que uma explosão de luz em o escuro de ignorância e superstição do meio por demais provinciano, fora lançada à publicidade como tribuna de liberalismo, inteiramente devotada à causa do povo, órgão capaz de rebeldia ante os mandões da terra. E tudo isso, considerando o tempo, cultura, engatinhamento em progresso da evolução social, era romantismo puro!

Antes do mais, tentemos definir esse romantismo, para que não aconteça ser tomado em o sentido mais vulgar do vocábulo, fazendo erer em algo semelhante aos suspiros à luz, por entre quadrinhas chorosas, dos passados cantores gadelhudos, seresteiros de madrigais.

No jornalismo, ou na literatura propriamente dita, assim como nas demais boritas artes — a música, pintura, escultura, arquitetura —, são evidentes certos característicos de forma, de idealização, de gosto, identificando este ou aquele grupo de filiados à mesma arte, resultando daí a classificação das escolas, que as possuímos inúmeras, sendo, porém em o trato, mais familiares, o clássico, o romântico ou moderno, o futurista ou o existencialista. Em se referindo ao romantismo, nós o compreendemos, aqui, na interpretação que lhe dá um Pierre Lasserre. Revolução espiritual,

foi o romantismo uma desordem que abrangeu os sentimentos e as idéias, uma insurreição do instinto contra a razão. Tem, assim, um significado mais amplo que simples moda literária ou corrente artística. Abrangendo a política, no campo das idéias, com derramado humanitarismo pretende interferir nas leis e choca-se, não raro, com a autoridade constituída. Para o romântico, a boa política seria o domínio de fatos individuais, sujeitos ao acaso ou aos arcanos da história, e insubmissos a qualquer princípio de regularidade. Revolucionário anárquico, de origem em Jean Jacques Rousseau, o romantismo investe contra as regras abstratas, contra o convencionalismo e o arbitrário das ingerências governamentais. Quando se nos oferece aparentemente reacionário, com o católico Chateaubriand, nem por isso deixa de ser filho espiritual do mesmo Rousseau, opondo-se à aliança selada entre a burocracia e o despotismo, se identificando com o revolucionário no campo social.

Em resumo: com a tendência de conferir aos sentimentos, e não à inteligência, o direito de supremo guia da vida, quer para o indivíduo, quer para sociedade, o romântico, quando não mergulha em pessimismo lírico, doentio, descrendo de tudo e de todos, arquiteta para a própria existência um poema épico de lutas e rebeldia, feito cavaleiro andante de passadas eras, um só, de lança em riste, a esgrimir contra todos os poderosos, desbaratando-os, vencendo-os, para a exaltação final dos fracos e humildes. Assim, o romântico despreza o pato burguês. E o burguês, do ciclo do romantismo, na definição de Theophile Gautier, "era mais ou menos todo o mundo, os banqueiros, os corretores de câmbio, os tabelhões, os negociantes, os farmacêuticos, quem quer que participasse do misterioso cenáculo e ganhasse prosaicamente a vida".

Tornemos, porém, a João Teodoro de Siqueira e Silva e seu modesto hebdomadário — "Aurora Campineira".

Jornalista tipógrafo, sem o canudo de bacharel de um Hipólito José da Costa, João Teodoro, de natural avêsse às barreiradas a governos e governantes, não somente se deixara apaloxnar pelos princípios liberais, divulgados pelas seitas maçônicas, esparramadas, na época, por ai tudo da província. Evocado à distância de um século, em perfil de largas e esfumadas pinceladas, o pioneiro da imprensa, na "Princesa D'Oeste", se nos apresenta rematando os próprios artigos nos calxotins poelrentos de antimônio, frelando o voo largo das atropeladas idéias, para que melhor as pudesse concatenar, ajeitar em períodos, com os caracteres tipográficos em viagem um a um, da caixa suja ao componedor.

Revelado o tipógrafo a ninguém é dado estranhar deste-

mor e belicosidade em João Teodoro, que andou as turras, aos trancos, por causa do jornal, molestado-se inimizando-se até ao ódio, com a gente grãuda da terrinha, inclusa uma autoridade de alto porte como o meritíssimo juiz da Comarca. O tipógrafo, ou o impressor, de antanho, quando mesmo arrastando a pretensão ingênua de poder consertar o mundo, nivelar a sociedade a golpes de panfletos ou a explosões de dinamite, era não raro um idealista sincero, brigão pelo que possuía de convicções próprias. Manejando sem galanice de estilo ou esbanjamento de retórica a pena de jornalista, acontecía descambar a pasquinadas, meter o bedelho em escândalos jamais arredando pé, no entanto, da trincheira de combate à cuja bandeira se engajara. O antigo tipógrafo, na falta de religião que lhe falasse do céu costumava ser devoto a princípios, conceitos amassados no terra a terra, que dissessem de reivindicações sociais.

Homem do povo, gazeteiro afeiçãoado à luta, João Teodoro pejeon em época que, no dizer de Alberto Faria, era dos "assalariados porretes, moedores e atrevidos", das "venalíssimas garruchas, liquidadoras de telmosos". Possivelmente ameaçado de muitas tundas, não se amedrontou. Se houve alguém por estas bandas desejoso de fazê-lo engolir a folha impressa, em qual se estampasse um de seus artigos mais contundentes tal violência, muito em uso no interior até quase os nossos dias, com ele João Teodoro não se consumou em fato para o registro das crônicas. Por outro lado, dinheiro algum se lhe meteu na algibeira, para a compra de opinião ou de elogio. Durante os dois anos de vida publicitária da "Aurora Campineira", arcon o jornalista pioneiro com a trabalhadeira de dirigir, compôr, imprimir e distribuir semanalmente, a folha, aos seus 120 assinantes, que mais não os teve. Quanto aos louros conquistados, se resumem no fato de o jornalista ter aguentado a mão em quinze processos, por delitos de imprensa. Quinze? Talvez catorze. Porquanto em o décimo quinto processo, condenado o gazeteiro-tipógrafo a sete meses de prisão, a cumprir no "lunoeiro" caboclo do Largo da Matriz Velha houve por bem fugir e homiziar-se em fazenda agrícola de amigo.

Com isto veio a ruir, em 1860 aquela primeira tenda jornalística da velha Campinas desludindo-se João Teodoro de seu romantismo épico e gazeteiro, quebrando de vez a pena de pato com a qual esgrimia nos editoriais, fazendo-se patato burguês, homem de negócios, a aceitar encomendas em sua tipografia de impressos puramente comerciais. Metanconco capitulo do amanhecer da imprensa campineira, cujo lumino o de aurora colorido bonito de alvorada uma simples nuvem do poder burguês, materialista e utilitá-

rio a seu modo, apagou, chumbando o céu da "Princesa D'Oeste" durante anos e anos que se seguiram ao episódio de João Teodoro. Mas o jornal, que na expressão do bispo castelhano Dom Lopez Palaez, são folhas desprendidas da arvore da Ciência, que por um instante sobem, remoinham ao sopro da tormenta, para depois tombar ao solo e confundir-se em o pó do esquecimento, o jornal retornaria a Campinas, animado por empresas mais sólidas, ficando estas mais fundas que se alastraram em raízes, criando, assim em definitivo, a era da imprensa na cidade imperial.

Esse meio dia da imprensa campineira foi todo etc, ainda, gloriosa aventura de gazeteiros românticos.

Precisamente a 31 de outubro de 1869, surgiu à luz a "Gazeta de Campinas", cujo fundador e primeiro redator-chefe se sagrou poeta com a publicação das "Estrelas errantes", e reuniu em sua tenda de trabalho, para o gazetismo bi-semanário alguns moços imbuidos de sonhos literários, entre os quais o também poeta de merecimento, João Quirino, Jorge Miranda, Campos Sales e José Bonifácio do Amaral. Lançado o jornal sob bons auspícios, não tardou muito para que em a redação da rua De Baixo, esquina da rua Formosa (Doutor Quirino e Conceição de hoje), a poesia se consorciasse a política, política de moços, é de ver agitando em meio ao império do sr. Dom Pedro Segundo a idéia de uma república nos moldes da de 93, na França. Compreendendo-se o revolucionismo romântico dessa "Gazeta de Campinas", também abolicionista, de vez que a "Historia dos Girondinos", de Lamartine, e os inflamados romances de Vitor Hugo, eram devorados no original, pela juventude letrada do interior da província. Foi a literatura romântica francesa, talvez mais que a influência norte-americana, o que alimentou o ideal republicano da hora primeira entre nós conquistando desde logo os jovens Campos Sales e Francisco Gilcério, este último antigo aprendiz de tipógrafo na oficina gráfica de João Teodoro que abraçado a um violão de serenatas, cantava ao luar, possivelmente os próprios versos líricos. Adotando a "Marselheza" como hino de guerra, esses republicanos segundo anotou Oliveira Vianna, "sonhavam utopicamente um governo do povo um governo de opinião, a maneira anglo-saxonia, num país em que a opinião, à maneira anglo-saxonia não existe". "E como não podiam realizar o seu ideal nem compreender exatamente a causa dessa impossibilidade, irritavam-se, impacientavam-se, desesperavam, e, invadidos, afinal pelo ceticismo acabavam — como se dizia — "perdendo a fé nas instituições". Romantismo puro, atearo nas colunas da "Gazeta", após o Manifesto de 1870.

